



NARRAÇÃO E DISSIMULAÇÃO DO DISCURSO HOMOERÓTICO EM "PÍLADES E ORESTES", DE MACHADO DE ASSIS, E "AQUELES DOIS", DE CAIO FERNANDO ABREU

Rodrigo Ramos

Universidade Federal do Amazonas

Adriana Aguiar

Universidade Federal do Amazonas

RESUMO

O presente artigo traz para o cerne da sua problemática a forma como o homoerotismo masculino aparece nos contos *PílaDES e Orestes* (1994), de Machado de Assis, e em *Aqueles dois* (2016), de Caio Fernando Abreu. Pretende-se analisar como a temática homoerótica é desenvolvida nas narrativas em tela, concentrando-se, principalmente, nos narradores, e buscando contrastar as particularidades de cada um. Valemo-nos das diretrizes teóricas de Georges Bataille, em *O Erotismo* (1987), e de Mario César Lugarinho (2001) e Judith Butler (2000), em seus estudos sobre a Teoria *Queer*, na tentativa de compreender o desencadeamento do homoerotismo em dois pontos cruciais que estão para além dos acontecimentos narrados nos contos: a busca incessante das personagens pela inalcançável continuidade e o debate sobre a natureza das questões sociais de gênero. Por fim, percebemos que as relações homoeróticas são insinuadas nas duas narrativas, mas não reveladas. Os jogos narrativos e a *habilidade* desses dois escritores da literatura brasileira transferem ao leitor a responsabilidade da interpretação do tema homoerótico nos contos. Todavia, só podemos afirmar que essa expectativa se revela porque há, no discurso narrativo, algo que oferece ao leitor essa possibilidade.

Palavras-chave: Erotismo. Teoria *Queer*. Homoerotismo.

ABSTRACT

The present article brings to the heart of its problematic the way in which masculine homoeroticism is proposed in the short stories *PílaDES e Orestes* (1994), by Machado de Assis, and in *Aqueles dois* (2016) by Caio Fernando Abreu. It is intended to analyze how the homoerotic theme is developed within the narratives, concentrating mainly on the narrators, and seeking to contrast the particularities of each one. We are going to use the theoretical guidelines of Georges Bataille, in *The Eroticism* (1987), and Mario César Lugarinho (2001) and Judith Butler (2000), in their studies on *Queer Theory*, so that one may understand the triggering of homoeroticism in two crucial points that are beyond the events narrated in the short stories: the incessant search of the characters for the unreachable continuity and the debate on the nature of the social issues of gender. Finally, we noted that homoerotic relations are insinuated in the two narratives, but not revealed. The narrative games and the ability of these two writers of Brazilian literature transfer to the reader the responsibility for interpreting the homoerotic theme in the short stories. However, it is possible to affirm that the expectancy is revealed because there is, in narrative discourse, something that offers the reader this possibility.

Keywords: Eroticism. *Queer Theory*. Homoeroticism.



Rodrigo Ramos é graduando em Licenciatura Plena em Letras - Língua e Literatura Portuguesa.
E-mail: rodrigofeliperamos@gmail.com

Adriana Aguiar é professora assistente de Literatura da UFAM.
E-mail: adrianaguiaerodrigues@gmail.com

INTRODUÇÃO

Um dos fatores que não se pode desvincular dos contos *Píades e Orestes* (1994) e *Aqueles dois* (2016) para a compreensão de suas particularidades narrativas e discursivas é o contexto em que foram publicados, pois as narrativas estão profundamente relacionadas às problemáticas sociais sobre a homossexualidade. Machado de Assis, com seu narrador supostamente imparcial, em um conto publicado no livro *Relíquias de Casa Velha* (1906) na primeira década do século XX – período esse em que a homossexualidade era entendida ainda como patológica, revela um discurso dissimulado em *Píades e Orestes*. A narrativa é conduzida de modo que o homoerotismo é disfarçado como subtema. Em Caio Fernando Abreu, há um narrador imparcial, porém também dissimulado, que desenvolve na narrativa de *Aqueles dois* um homoerotismo mais perceptível, mas também não afirmado diretamente. *Aqueles dois* veio a público em 1985, com a publicação de *Morangos Mofados* durante o regime militar brasileiro, período de grande repressão e censura à liberdade sexual.

Machado de Assis, seja em seus contos ou romances, brinca com os preconceitos e dogmas dos leitores e assim o faz em *Píades e Orestes*. Não se pode afirmar a existência da relação factual entre Quintanilha e Gonçalves, mas vestígios são deixados ao leitor, que pode admitir, ou não, o envolvimento homoerótico entre as personagens. A trama constitui-se partindo da fragilidade e da falta de autonomia de Quintanilha, que, no decorrer da narrativa,

anula-se até seu próprio fim. A morte emblemática de Quintanilha dá um suposto fim às suspeitas do leitor sobre o homoerotismo entre os amigos Quintanilha e Gonçalves, pois a narrativa volta-se para a questão do futuro da herança de Quintanilha e deixa a relação homoerótica implícita. Esse jogo dissimulado, reforçado muitas vezes pelo narrador, que diz sem dizer diretamente, camufla e, conseqüentemente, mostra a posição secundária do tema homoerótico no conto.

Sendo o homoerotismo disfarçado em *Píades e Orestes*, conto do início do século XX, esperar-se-ia que quase um século mais tarde a temática homoerótica ganhasse espaço e vencesse o silenciamento. Mas a expectativa de que o passar de quase um século traria alguma evolução às questões do *queer* na sociedade não podem ser confirmadas se observado como a problemática homoerótica é tratada no conto de Caio Fernando Abreu. Em *Aqueles dois* (ABREU, 2016), novamente se encontra uma relação homoerótica dissimulada, apesar de mais perceptível. O envolvimento persistente entre Raul e Saul enfrenta a esmagadora intolerância do âmbito corporativo. Assim como em *Píades e Orestes*, sustenta-se em *Aqueles dois* uma suposta amizade entre as personagens principais. Mas é a dissimulação do discurso homoerótico que eminentemente relaciona ambas as narrativas e, mais ainda, permite que se faça uma reflexão sobre a finalidade de ocultar as possíveis relações homoeróticas nos contos.

Os sujeitos não heteronormativos são habitualmente marginalizados em todos os contextos, sobretudo no âmbito social, e, por conseguinte, na literatura. Não é sem propósito que a violência e a repressão são temas implícitos tanto em *Píades e Orestes* quanto em *Aqueles dois*. Pensando nessa problemática, verificou-se a necessidade de um estudo comparativo entre os dois contos, que leva em consideração, fundamentalmente, o tema



homoerótico e sua representação em ambas as narrativas.

Para realizar a análise proposta, partimos de um pensamento filosófico, embasado por Bataille (1987), que nos auxiliará na percepção do jogo erótico nas entrelinhas dos contos. Baseada nas evidências eróticas percebidas, será proposta uma reflexão sobre as questões de gênero e a quebra socialmente traumática do modelo heteronormativo enraizado na sociedade do século XX. Para tanto, faz-se necessário que lancemos mão de uma teoria que toma como objeto de reflexão a constituição da identidade e o posicionamento social do homossexual, a Teoria *Queer*, sendo abordada neste artigo pelos estudos de Judith Butler (2000) e Mario Cesar Lugarinho (2001).

1 O EROTISMO E O QUEER

Georges Bataille (1987) engendra, com sua filosofia sobre o erotismo, a reflexão sobre a busca (inalcançável) pela continuidade perdida e pela superação da insuportável solidão do ser. O incômodo do exílio da individualidade destina-nos à criação de paixões e nos leva à nostalgia da continuidade perdida. Para Bataille (1987), o erotismo não possui relação direta com as relações sexuais, é mais que isso, revela a busca psicológica pela continuidade por meio das transgressões. O filósofo define o processo de aceite da descontinuidade inerente ao ser:

Somos seres descontínuos, indivíduos que morrem isoladamente numa aventura ininteligível, mas temos a nostalgia da continuidade perdida. Não aceitamos muito bem a ideia que nos relaciona a uma dualidade de acaso, à individualidade perecível que somos. Ao mesmo tempo que temos o desejo angustiado da duração desse perecimento, temos a obsessão de uma continuidade primeira que nos une geralmente ao ser (BATAILLE, 1987, p. 12).

Tendo consciência de que a categoria de erotismo pensada por Bataille (1987) diz

respeito aos processos puramente humanos de superação de frustrações intrínsecas à própria existência, o propósito de nos valermos do erotismo como conceito para o desenvolvimento da análise dos contos, neste artigo, dá-se pela convicção de que o escritor, enquanto subjetividade criadora, concebe reflexos de realidades específicas, e essas realidades narradas podem também repercutir as complexidades das instâncias eróticas na literatura. Como o erotismo não depende das características biológicas ou de gênero dos indivíduos envolvidos em uma relação, pode-se analisar o homoerotismo masculino representado nas narrativas evidenciando o jogo erótico encoberto pelo narrador e silenciado nas palavras das personagens.

Mesmo que os contos *Pílades e Orestes* e *Aqueles dois* possam levar-nos a inúmeras interpretações quanto aos seus possíveis sentidos, se restringíssemos o estudo aqui proposto a apenas perceber o homoerotismo, por meio da filosofia de Bataille (1987), não poderíamos alcançar o debate sobre a questão social do *queer*, representada nos dois contos. Além disso, sabe-se que o erotismo, mesmo sendo um fenômeno comum a todos os seres humanos, quando decorre de relações homossexuais, pode causar, como se percebe nos contos, estranheza e/ou repulsa a quem observa. Pensando nessa questão, propõe-se uma complementaridade teórica: para além da identificação de evidências homoeróticas, serão pensadas as condições do *queer* nos contos, de acordo com a perspectiva da Teoria *Queer*.

A Teoria *Queer* desvincula-se do binarismo da teoria dos gêneros e cria autonomia, reconstruindo a visão sobre a orientação sexual, identidade sexual e sexualidade biológica. A Teoria pretende demonstrar o lugar do *queer* na sociedade, considerando as diversas variabilidades sociais, étnicas, nacionais etc., sem tentar promover uma polarização globalizante do discurso (LUGARINHO, 2001). Os papéis instituídos socialmente limitam a



natureza individual de cada um e se mostram por meio da performatividade desempenhada por todos os integrantes das sociedades.

2 NARRADORES DISSIMULADOS E EVIDÊNCIAS DO HOMOEROTISMO

Tão importante quanto identificar as evidências marcadas nos contos é perceber a singularidade de cada um no que concerne às características narrativas. Em *Pílades e Orestes* (ASSIS, 1994), apesar de o narrador tecer muitos comentários, as personagens frequentemente têm espaço de fala, o que não é tão comum em *Aqueles dois* (ABREU, 2016). No conto de Caio Fernando Abreu, a maior parte da narrativa é enunciada pelo narrador onisciente, a ponto de, em alguns momentos, a sua narração confundir-se com as falas das próprias personagens.

Em *Pílades e Orestes*, o ponto de partida que possibilita o início do aspecto homoerótico é a condição de Quintanilha. A insegurança do personagem e a sua carência de felicidade são reveladas desde o início do conto. O narrador machadiano, com sua singular perspicácia, tece um comentário enigmático logo no início do conto sobre o estado espiritual de Quintanilha: “não se pode dizer que Quintanilha fosse inteiramente feliz, como vais ver” (ASSIS, 1994, p. 44). A narrativa desenvolve-se a partir desse argumento, pois é através da insegurança e dependência de Quintanilha por Gonçalves que o conto começa a ganhar seu caráter ambíguo e abre precedentes para a percepção de uma relação homoerótica.

O narrador machadiano não se prende a descrições narrativas quando se refere aos amigos Quintanilha e Gonçalves. Ele exhibe as sombras de suas intenções em seus comentários, corroborando para a imaginação de uma relação entre os dois amigos, que vai para além de uma simples amizade, como se vê no trecho:

A vida que viviam os dois era a mais unida deste mundo. Quintanilha acordava, pensava no outro, almoçava e ia ter com ele. Jantavam juntos, faziam alguma visita, passeavam ou acabavam a noite no teatro. Se Gonçalves tinha algum trabalho que fazer à noite, Quintanilha ia ajudá-lo como obrigação (ASSIS, 1994, p. 45).

Além da questão que nos incita a suspeitar da natureza da relação dos dois, percebe-se novamente a passividade de Quintanilha em relação a Gonçalves, já que o primeiro ajudava o segundo “como obrigação”. E com o decorrer da narrativa acaba-se por entender que a passividade e subalternidade de Quintanilha moldam-no para ser o personagem que mais põe em xeque os padrões de heteronormatividade das relações entre homens. É dele que emerge a paixão e a dedicação para com o outro. Logo em seguida, no mesmo parágrafo, o narrador traz-nos a informação de que “às vezes, na Rua do Ouvidor, vendo passar as moças, Gonçalves lembrava-se de uns autos que deixara no escritório” (ASSIS, 1994, p. 45). Mesmo com essa indicação cínica sobre o desinteresse de Gonçalves pelas moças, no decorrer da narrativa, tudo indica que Gonçalves estaria mais interessado no dinheiro de Quintanilha, e apenas Quintanilha estaria envolvido pelo amigo de alguma forma.

Até aqui, puderam-se verificar traços do homoerotismo reforçado pelo discurso do narrador ambíguo. Mas há ainda, além das indicações do narrador, na interação entre os dois personagens, o erotismo. Um caso em que se vê marcado o processo erótico é a reação de Quintanilha depois de não ter conseguido agradar o amigo com o quadro dos dois que mandou fazer: “vexado e aborrecido, olhava para a tela, até que sacou de um canivete e rasgou-a de alto a baixo. Como se não bastasse esse gesto de vingança, devolveu a pintura ao artista [...]” (ASSIS, 1994, p. 46). Quintanilha transfere sua fúria de Gonçalves para a tela e,



de fato, faz com a pintura o que tem vontade de fazer com Gonçalves.

Bataille (1987) estabelece três formas de erotismo: o erotismo dos corpos, o erotismo dos corações e o erotismo sagrado. O ato de violência como reação de Quintanilha, contra a pintura, revela o furor do erotismo dos corações. Sobre a origem da exaltação violenta de Quintanilha pode-se considerar, se há um princípio de paixão, que:

[...] Se o amante não pode possuir o ser amado, algumas vezes pensa em matá-lo: muitas vezes ele preferiria matar a perdê-lo [...]. O que está em jogo nessa fúria é o sentimento de uma continuidade possível percebida no ser amado [...] (BATAILLE, 1987, p. 15).

Quintanilha mostra-se sempre disposto a servir Gonçalves, mas se decepciona quando percebe que o amigo recusa sua tentativa de maior aproximação. A tela representaria uma fusão momentânea, a imagem seria a realização visual da união aparentemente desejada por Quintanilha.

Em *Aqueles dois*, Raul e Saul são dois rapazes que passam a trabalhar juntos e tornam-se amigos. E mais uma vez encontra-se o discurso homoerótico dissimulado pelo narrador, mas agora em Caio Fernando Abreu. Por meio de comentários, o narrador conduz dubiamente a narrativa, explorando a sensibilidade do leitor para as questões subentendidas. Pode-se verificar esse jogo de desfaçatez no comentário feito pelo narrador após a descrição física de Raul e Saul: “como se houvesse, entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia” (ABREU, 2016, p. 142). Observando-se estruturalmente que a harmonia aludida pelo narrador possui certo grau de estranheza, pela escolha do artigo indefinido “uma” e do adjetivo “estranha”, e um mistério apresentado pelo adjetivo “secreta”, percebe-se que o vínculo entre as personagens transpassa os limites de uma amizade comum.

O clímax do conto ocorre em uma cena tão poética quanto erótica. Após a bebedeira da noite do dia 31, Saul passa a noite na quitinete de Raul. A sensibilidade com que o narrador trata o episódio é surpreendente se notado o jogo de imagens que utiliza para descrever a cena:

Deitaram ambos nus, um na cama atrás do guarda-roupa, outro no sofá. Quase a noite inteira, um podia ver a brasa acesa do cigarro do outro, furando o escuro feito um demônio de olhos incendiados. Pela manhã Saul foi embora sem se despedir, para que Raul não percebesse suas fundas olheiras (ABREU, 2016, p. 147).

O erotismo revela-se sobre o nudismo dos corpos. Os corpos não se tocam, mas ensaiam a concretização dos desejos contidos. As personagens veem a brasa não somente dos cigarros acesos, mas do próprio desejo, da busca pela continuidade. Para Bataille (1987, p. 14), “a nudez se opõe ao estado fechado, isto é, ao estado de existência descontínua. É um estado de comunicação que revela a busca de uma continuidade possível do ser para além do voltar-se sobre si mesmo. Os corpos se abrem para a continuidade [...]”. Há nas brasas dos cigarros o fulgor do desejo, o anseio de continuidade, nesse caso uma busca demoníaca em sentido emblemático, pois existe/resiste o estigma que persegue e recai sobre as personagens homossexuais e as impede de consumir seus desejos.

O fato já citado de o narrador onisciente de *Aqueles dois* algumas vezes poder ter suas falas confundidas com as das próprias personagens, como quando usa “à nossa amizade” como se se incluísse em meio à realidade narrada. Após isso, volta a narrar em terceira pessoa: “foi na noite de 31, aberto o champanhe na quitinete de Raul, que Saul ergueu e brindou à nossa amizade que nunca vai terminar. Beberam até quase cair” (ABREU, 2016, p. 147) – o que indica uma diferença entre o narrador machadiano e o narrador de *Aqueles dois*.



Enquanto o narrador machadiano dá-nos pistas sobre o homoerotismo ao passo que muda o foco problemático em uma tentativa de desfocar o leitor desatento da temática estigmatizada da homossexualidade, o narrador de *Aqueles dois* posiciona-se, em muitos momentos, a favor de Raul e Saul. Ao final do conto, o narrador de Caio Fernando Abreu promove uma catarse, garantindo a infelicidade daqueles que articularam o complô para a demissão dos amigos da repartição, como argumenta Júnior (2006, p. 47) sobre o fim dado por Caio Fernando Abreu: “a infelicidade, pois segundo o ficcionista, é a condição inevitável daqueles que optam por atitudes de discriminação”.

3 REFLEXÃO SOBRE OS PAPÉIS SOCIAIS

Assumindo que os papéis de gênero são criações sociais preestabelecidas, pode-se verificar que essas instâncias reguladoras, identificadas sob a perspectiva de Judith Butler (2000), repercutem também nas narrativas analisadas anteriormente. Os quatro personagens são alvos de gozação e escárnio por se afastarem do ideal regulador do gênero masculino, por se distanciarem das expectativas heteronormativas que regulam o comportamento e estabelecem padrões simbólicos na sociedade. Os dois contos tratam de relações homoeróticas masculinas, que, mesmo não ditas, podem ser percebidas.

O sexo é uma das normas pelas quais o “alguém” torna-se viável, é aquilo que qualifica um corpo, desde o seu nascimento, para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2000). Ao nascermos, segundo esse raciocínio, estamos involuntariamente condicionados a uma viabilidade que dependerá do próprio destino biológico. O sexo não só nos define fisicamente, mas também designa, culturalmente, papéis sociais aos indivíduos.

Encontra-se, entre as narrativas, certa semelhança sobre as condições às quais as

personagens são dispostas, Quintanilha e Gonçalves, Raul e Saul: todos sofrem, em intensidades diferentes, o peso da cobrança social de uma performatividade heteronormativa. Em *Pílades e Orestes* (ASSIS, 1994), o julgamento social e a percepção da relação entre os dois rapazes mostram-se por meio da impressão de dois personagens trazidos pelo narrador: “uma senhora chamava-lhes os ‘casadinhos de fresco’, e um letrado, Pílades e Orestes” (ASSIS, 1994, p. 46). Consideramos essa passagem fundamental para o entendimento da natureza da relação dos protagonistas do conto. Principalmente porque a expressão “casadinhos de fresco”, à época, era utilizada para se referir a recém-casados. Portanto, nisso se demonstra, em nossa percepção, o sinal mais contundente de um homoerotismo no conto.

A proximidade entre Quintanilha e Gonçalves é percebida e classificada pelos que os observam e, ao se afastarem do que seria uma proximidade aceitável entre dois homens, passam a ser alvo de denominações. O caminho trilhado pelo narrador não nos permite perceber aspectos de repressão promovidos pelas denominações. O ideal regulador, que determina o comportamento ideal dos amigos, age por meio das denominações. As analogias feitas sobre os dois amigos, além de enfatizarem a questão homoerótica, revelam a sutileza da criação de um estereótipo.

Em *Aqueles dois* (ABREU, 2016), as analogias feitas por personagens secundários mostram mais do que uma pista da existência do homoerotismo. As atitudes de Raul e Saul são observadas pelos outros funcionários da repartição. A proximidade dos dois e a recusa aos olhares femininos logo causa estranheza a todos os colegas de trabalho. Raul e Saul passam a ser perseguidos e coibidos por seus comportamentos, que fogem aos papéis de gênero tradicionais. As cartas anônimas que denunciavam a relação homossexual entre os dois definiam-lhes como “desavergonhada



aberração” (ABREU, 2016, p. 147). Considerando que as cartas enviadas ao chefe da repartição pelos funcionários culminaram na demissão de ambos, percebe-se que a cisão com os padrões de comportamento socialmente criados resulta, muitas vezes, na intolerância e na opressão.

A morte de Quintanilha define o desfecho da narrativa e revela a impossibilidade de realização do envolvimento efetivo entre as personagens. A união negada por meio da morte demonstra a complexidade e o estigma criados sobre a orientação sexual que foge aos ideais heteronormativos. Se Machado optou por dar esse fim ao conto, não o fez sem propósito. Por meio da suposta negação do homoerotismo, a leitura do conto faz-nos pensar sobre as motivações da desfaçatez do narrador e refletir sobre os fatores sociais que subjugam e recriminam o *queer*. Em *Aqueles dois* (ABREU, 2016), apesar de Raul e Saul serem demitidos, o narrador não os deixa desamparados e trata de conferir a infelicidade aos acusadores anônimos da repartição. No conto de Caio Fernando Abreu, o peso da intolerância é evidente, o reconhecimento da fuga dos modelos socialmente aceitáveis rapidamente desencadeia a demissão arbitrária.

Se não se pode afirmar, deve-se ao menos admitir que o envolvimento homoerótico das personagens em ambas as narrativas é insinuado, mesmo sendo mascarado por jogos narrativos. A dissimulação do discurso homoerótico ocorre em níveis diferentes. Enquanto em *Pílades e Orestes* (ASSIS, 1994) as indicações são sutis e irônicas, em *Aqueles dois* (ABREU, 2016), o tema homoerótico é mais nítido. O fato é que os papéis sociais incidem na limitação da expressão individual, motivam a violência e firmam a repressão sobre a subjetividade do homossexual e de qualquer outra forma de expressão que fuja aos ideais reguladores exigidos pela sociedade.

Mesmo sabendo que os motivos da escolha dos escritores por uma narração dissimulada possam originar-se em consequência de estigmas sociais que mantêm a marginalização do *queer* em ambos os momentos históricos de publicação – *Pílades e Orestes* em 1906 e *Aqueles dois* em 1985, tem-se, aqui, a consciência de que, para o jogo erótico ser concebido, é necessário que se realize em meio ao subentendido, pois o erotismo dá-se essencialmente pelo desejo e não por sua concretização. E é nessa atmosfera misteriosa e cheia de não ditos que as lacunas nas narrativas são deixadas, dando ao leitor a liberdade de preenchê-las e interpretá-las.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Aqueles dois*. In: ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 139-148, 2016.
- ASSIS, Machado de. *Pílades e Orestes*. In: **Relíquias de Casa Velha**. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/contos/macn007.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Trad. por Tomaz Tadeu da Silva. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- JÚNIOR, Luiz. **Caio Fernando Abreu: narrativa e homoerotismo**. 2006. 262 p. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto: UNESP. 2006.
- LUGARINHO, Mario César. *Como traduzir a teoria queer para a Língua Portuguesa*. **Revista**



Gênero, Niterói, v. 1, n. 2, p. 36-46, 2001.

Disponível em:

<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/362>. Acesso em: 25 jun. 2017.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

RAMOS, R; AGUIAR, A. Narração e dissimulação do discurso homoerótico em "Pílades e Oreste", de Machado de Assis, e "Aqueles dois", de Caio Fernando Abreu.

Revista Primeira Escrita, Aquidauana/MS, n.4, p. 42-49, 2017.